



328 mortos à espera de cirurgia cardíaca: quando o Estado falha e ninguém responde

Publicado em 2026-04-23 14:08:03



BOX DE FACTOS

- Entre 2021 e 2025, morreram quase 330 doentes em Portugal à espera de cirurgia cardíaca.
- Os números foram assumidos publicamente no Parlamento pela secretária de Estado da Saúde.

Blogue Fragmentos do Caos



A verdade nasce onde o pensamento é livre.

- A Ordem dos Médicos pediu apuramento das mortes associadas à espera por cirurgia cardíaca.
- Existem Tempos Máximos de Resposta Garantidos para cirurgia cardíaca programada, mas a realidade mostrou que a letra da norma nem sempre salva vidas.

328 mortos à espera de cirurgia cardíaca: quando o Estado falha e ninguém responde

Num país moralmente desperto, 328 mortos à espera de cirurgia cardíaca seriam um abalo nacional. Em Portugal, arriscam-se a tornar-se apenas mais um número engolido pela névoa burocrática.

Blogue Fragmentos do Caos



A verdade nasce onde o pensamento é livre.

centenas de doentes morreram à espera de cirurgia cardíaca não é apenas uma notícia. É um raio-X cruel ao funcionamento do Estado, à fragilidade do Serviço Nacional de Saúde em áreas críticas e, sobretudo, à impressionante ausência de responsabilidade política efectiva.

Não estamos a falar de atrasos banais, nem de estatísticas abstractas para consumo de gabinete. Estamos a falar de pessoas concretas, com nome, família, medo, esperança e coração doente — literalmente coração doente — que ficaram enalhadas num sistema incapaz de lhes dar resposta a tempo. E quando o tempo é o músculo da sobrevivência, esperar demais deixa de ser espera: passa a ser condenação.

O número que devia abalar o país

O dado agora assumido publicamente é devastador: quase 330 doentes morreram entre 2021 e 2025 enquanto aguardavam cirurgia cardíaca. O mais perturbador não é apenas o número em si. É a sua cadência. Ano após ano, a contagem foi subindo como se o sistema se tivesse habituado a conviver com o intolerável. Uma morte destas já deveria provocar inquérito rigoroso. Centenas deveriam provocar uma convulsão nacional.

Blogue Fragmentos do Caos



A verdade nasce onde o pensamento é livre.

país regressa à sonolência administrativa. O morto desaparece. Fica o memorando.

A medicina da burocracia

A ironia cruel é esta: o país não vive sem regras, normas, portarias, tempos máximos de resposta garantidos, sistemas integrados de gestão e circuitos de referência. No papel, o doente parece protegido por uma muralha de procedimentos. Na prática, essa muralha muitas vezes não protege: aprisiona. O papel cumpre-se a si próprio; o doente é que não chega ao fim da linha.

É precisamente aqui que a crise se torna política e civilizacional. Porque uma sociedade decente mede-se pela forma como trata os mais vulneráveis quando estes já não têm margem fisiológica para esperar. E há poucos doentes mais vulneráveis do que alguém dependente de uma cirurgia cardíaca em tempo útil.

Sem responsáveis, o sistema aprende que pode repetir

Perante uma revelação desta magnitude, seria legítimo esperar três coisas elementares: apuramento independente, identificação pública das falhas e responsabilização clara por

Blogue Fragmentos do Caos



A verdade nasce onde o pensamento é livre.

substitui a pergunta essencial: quem falhou, onde falhou, quando falhou, e porque continua a falhar?

Sem resposta a estas perguntas, o sistema recebe uma mensagem perigosíssima: pode continuar a falhar sem consequências proporcionais. E um aparelho de Estado sem memória moral transforma-se rapidamente num mecanismo de repetição. Não corrige, recicla-se.

O país das garantias sem garantia

Ainda mais inquietante do que o passado é a ausência de garantias sólidas para o futuro. Não basta afirmar que se vai rever a rede de referência ou ajustar procedimentos. Isso é o mínimo burocrático, não o máximo ético. O país precisava de um plano público, auditável, com metas objectivas, tempos de execução, reforço de capacidade cirúrgica, mecanismos automáticos de desvio para unidades com disponibilidade e transparência mensal sobre mortalidade e listas de espera em áreas críticas.

Sem isso, o discurso oficial não passa de anestesia verbal. E a anestesia verbal é, tantas vezes, o último conforto de um Estado que já não consegue curar a sua própria impotência.

Blogue Fragmentos do Caos



A verdade nasce onde o pensamento é livre.

degradam lentamente, sinais de alarme ignorados durante anos, profissionais sobrecarregados, cidadãos a perderem confiança, e dirigentes que aparecem tarde, quase sempre com explicações técnicas para problemas que já são profundamente morais.

Porque aqui já não estamos apenas no domínio da gestão hospitalar. Estamos no domínio da hierarquia real de prioridades do país. Um regime revela-se não tanto pelo que proclama, mas pelo que tolera. E Portugal tem tolerado demasiado: tolera filas, tolera atrasos, tolera descoordenação, tolera opacidade, tolera a morte administrativa — aquela que não mata com estrondo, mas por desgaste, atraso e abandono.

Um Estado que falha no coração revela a sua falência íntima

Há algo de simbolicamente terrível em deixar morrer doentes cardíacos à espera de cirurgia. É como se o próprio sistema estivesse a confessar que perdeu o pulso, o ritmo, a circulação interna que deveria alimentar uma nação civilizada. Um Estado que falha no coração dos seus cidadãos revela a sua própria falência íntima.

Blogue Fragmentos do Caos



A verdade nasce onde o pensamento é livre.

bastar. Porque a função ética do poder não é explicar cadáveres: é evitá-los.

Conclusão

A notícia dos 328 mortos à espera de cirurgia cardíaca devia ficar gravada como uma linha vermelha da nossa decadência institucional. Não por fatalismo, mas por honestidade. Se nem perante a evidência de vidas perdidas em série o país consegue exigir responsabilidade, então a doença já não está apenas nos hospitais. Está na cultura política, na tolerância cívica e na resignação colectiva.

Portugal não precisa de mais uma nota ministerial com vocabulário asséptico. Precisa de verdade, consequência e reforma concreta. Caso contrário, a mensagem que fica é uma só: entre o coração doente de um cidadão e a lentidão do aparelho público, continua a morrer primeiro o cidadão.

Nota editorial

Há muito que os portugueses se habituaram a viver num país onde quase tudo falha sem que nada realmente aconteça a quem falhou. É essa a pedagogia perversa do regime:

Blogue Fragmentos do Caos



A verdade nasce onde o pensamento é livre.


sacudida institucional imediata, não estamos apenas perante um fracasso do SNS. Estamos perante um fracasso da própria República em proteger os seus cidadãos no ponto mais elementar: o direito a não morrer por abandono administrativo.


Francisco Gonçalves — Fragmentos do Caos

Co-autoria editorial com **Augustus Veritas**.

 [GitHub Pages](#)

 [IPFS \(IPNS\)](#)

 [Fragmentos do Caos:](#) [Blogue](#) • [Ebooks](#) • [Carrossel](#)

 Esta página foi visitada ... vezes.

[Contactos](#)